



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i3.4151>

ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: UM DIÁLOGO ENTRE OS ANOS 1961 A 2020¹

Ecumenism and interreligious dialogue: a dialogue from the years 1961 to 2020

Wellington Casagrande²
Flávio Schmitt³

Resumo: O ecumenismo e o diálogo inter-religioso têm sido temas relevantes para a revista *Estudos Teológicos* desde seu surgimento. O artigo foi realizado por meio da leitura de 46 artigos escritos entre os anos de 1961 e 2020. Verificou-se que as principais contribuições ao diálogo aconteceram no âmbito da dogmática, da liturgia e da ação social. A análise qualitativa foi integrada junto à pesquisa de dissertação escrita em 2017 pelo autor e também a prática e vivência como capelão militar em instituição governamental laica. A pesquisa do autor propõe que o diálogo inter-religioso e ecumênico acontece a partir de uma hermenêutica de hospitalidade, na qual se procura preservar a própria identidade e concomitantemente abrir-se ao outro religioso.

Palavras-chave: Ecumenismo. Diálogo inter-religioso. Identidade. Hospitalidade hermenêutica.

Abstract: Ecumenism and interreligious dialogue have been relevant topics for the magazine *Estudos Teológicos* since its beginning. The article was carried out by reading 46 articles written between the years 1961 and 2020. It was found that the main contributions to the dialogue took place within the scope of dogmatic, liturgy and social action. The qualitative analysis was integrated with the dissertation research written in 2017 by the author and also the practice and experience as a military chaplain in a secular government institution. The author's research proposes that interreligious and ecumenical dialogue takes place based on a hermeneutic of hospitality in which one seeks to preserve one's own identity and at the same time to open up to the other religious.

Keywords: Ecumenism. Interreligious dialogue. Identity. Interreligious openness.

¹ O artigo foi recebido em 11 de agosto de 2020 e aprovado em 23 de novembro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Mestre. Faculdades EST. E-mail: wellingtoncasagrande@hotmail.com

³ Doutor. Faculdades EST. E-mail: flavio@est.edu.br

Introdução

Hans Küng, em uma de suas falas sobre o projeto *Ethos Mundial*, declara: “não pode haver convivência humana sem um *Ethos mundial* das nações; não pode haver paz entre as nações sem a paz entre as religiões; não pode haver paz entre as religiões sem o diálogo entre as mesmas”⁴. Vivemos em uma época de muita intolerância à pluriformidade religiosa. Nosso atual governo adotou o lema “Deus acima de todos”, mas de que deus se está falando? E quem são esses todos citados? Ademais, recentemente em um de seus discursos feitos à Organização das Nações Unidas, o atual presidente da República fez um apelo pela liberdade religiosa e combate à “cristofobia”⁵. Sem entrar propriamente no mérito da questão, proponho uma reflexão acerca da possibilidade da convivência e diálogo entre as religiões com base em artigos escritos nos últimos sessenta anos no periódico *Estudos Teológicos*. Assim, como podemos pensar em um diálogo religioso no contexto de um Brasil laico, no qual a violência (verbal ou física) não seja o elemento dialógico e a imposição não seja o método missionário, e sim a liberdade religiosa o fundamento? Esses são apenas alguns elementos importantes na construção do diálogo entre as religiões. Em relação à metodologia empregada, foram lidos 46 artigos publicados entre os anos 1961 e 2020 na revista *Estudos Teológicos*. A escolha dos artigos deu-se pela pesquisa de termos e palavras-chave no site da revista. Os termos pesquisados foram “ecumenismo” e “diálogo inter-religioso”. Foram encontrados 102 resultados, sendo que 26 eram textos que se repetiam em mais de uma busca e outros 30 eram apenas marginalmente relacionados à temática buscada. Já a análise dos artigos ocorreu por meio de leitura detalhada de cada publicação, segmentando-as a partir do conteúdo central de cada artigo.

Primeiramente, investigaremos o conteúdo dos artigos escritos sobre a temática do ecumenismo e diálogo inter-religioso, dividindo-os a partir de suas principais temáticas, depois apresentaremos uma perspectiva do diálogo a partir de uma atitude de hospitalidade hermenêutica⁶ (resultado de minha dissertação de mestrado) e, por fim, exporemos algumas considerações finais a partir de minha experiência ecumênica teórico-prática.

Seria impossível abordar com profundidade o conteúdo e a natureza de todos os artigos pesquisados em algumas páginas, por isso divido a exposição em três segmentos que foram percebidos a partir da leitura dos 46 artigos. Além disso, embora existam diferenças entre os termos diálogo inter-religioso e ecumenismo, os empregaremos de modo intercambiável devido ao teor amplo dessa pesquisa.

⁴ GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 2012. p. 505.

⁵ CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/09/4877033-bolsonaro-faz-apelo-mundial-contra-a-cristofobia-em-discurso-na-onu.html>>. Acesso em: 29 set. 2020.

⁶ Esse tema foi o resultado da minha dissertação de mestrado.

O diálogo inter-religioso/ecumenismo a partir da dogmática

Um primeiro caminho adotado por alguns autores é o da dogmática, que, a partir de um olhar cristão, pode ser vista como um dogma, ensino ou doutrina que tem caráter normativo e prescritivo dentro de determinado segmento confessional.⁷ Em tese, o diálogo inter-religioso a partir de um olhar dogmático nasce das discussões intelectuais sobre o próprio tema, de maneira que esse poderia ser denominado um diálogo que nasce da “reflexão ortodoxa”. Dessa forma, a pergunta por trás desse tipo de busca talvez seja: onde está a verdade? Qual a forma correta de se crer e comportar-se? Com esse intuito, na década de 1960 (em decorrência do Vaticano II), desenvolve-se uma reflexão acerca da interação entre o cristianismo e outras religiões. Como consequência, desde então, várias propostas foram apresentadas, como destaca Gibellini⁸: exclusivista, inclusivista e pluralista, sendo essas consideradas perspectivas da teologia cristã. A primeira atitude entende que a fé cristã é a única verdade e Jesus é o único caminho. Nesse quesito, o diálogo revela-se mais como missão de expor que “a minha” religião é a detentora da verdade. A segunda atitude, expressa por alguns teólogos cristãos católicos, defende que Cristo é a supremacia da revelação, no entanto, é possível encontrá-lo também em outras religiões, ainda que o cristianismo seja o cerne da revelação. A exemplo de Karl Rahner, que chama esses de “cristãos anônimos”, pois creem em Cristo sem necessariamente professarem isso. Por fim, a atitude pluralista pressupõe igualdade e nivelamento entre as religiões. Nessa, Deus é o real inefável buscado por todas as religiões. As religiões, nas tentativas de alcançá-lo, mostram-se válidas e iguais em essência – uma exposição profunda sobre essas perspectivas podem ser encontradas em minha dissertação de mestrado.⁹ Nenhum dos artigos pesquisados defende ferozmente qualquer uma dessas perspectivas literalmente. Muitos, ao contrário, acreditam que tais tentativas, embora válidas, não se mostram adequadas tanto em conceito quanto na prática no diálogo.¹⁰ Hermann Brandt¹¹ crê que todas as religiões são exclusivistas por essência e, por assim dizer, o diálogo deveria pressupor tal atitude, dado que a “identidade religiosa” é inerente à constituição da própria fé. Entretanto, ainda crê que nenhuma dessas posições ampara em si mesma a forma correta de posicionar-se sobre o diálogo inter-religioso e, por isso, a atitude deveria ser situacional, assim, relata ser “como cidadão do estado sou (assim espero) pluralista, e o sou também como cristão sob determinadas condições. Como

⁷ FERGUSON, S. B.; WRIGHT, D. F.; PACKER, J. I. (Eds.). *New dictionary of Theology*. Downers Grove, Ill: InterVarsity, 1988. p. 203.

⁸ GIBELLINI, 2012, p. 516.

⁹ CASAGRANDE, Wellington. *Hospitalidade hermenêutica: entre a fragilidade e o compromisso, um caminho para o diálogo inter-religioso*. 2017. 108 p. Dissertação (Mestrado Profissional) – Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/850/1/casagrande_w_tmp537.pdf>.

¹⁰ DREHER, L. H. A identidade evangélico-luterana e o diálogo inter-religioso: idéias para a busca de um método. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 83-91, 2003. p. 85.

¹¹ BRANDT, H. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”: A exclusividade do cristianismo e a capacidade para o diálogo com as religiões. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 5-22, 2002.

representante de uma posição religiosa posso ser inclusivista. E como cristão sou exclusivista perante Deus”¹². Segundo Brandt, a melhor perspectiva seria adotar uma atitude “exclusiva” baseada no conceito de missão que é sustentado, primeiramente, por uma atitude intolerante em relação à fé, mas tolerante quanto às pessoas, também de um não saber religioso e, por fim, de um diálogo que nasce no cotidiano. De modo semelhante, Gottfried Brakemeier¹³ expõe sobre o “exclusivismo aberto”, definido como busca pela verdade que tolera o diferente, valendo-se do diálogo entre iguais, interesse comum, valores absolutos, redefinição do termo salvação e direito à diferença. Em outro artigo, Brakemeier propõe o conceito de apostolicidade para argumentar acerca da unidade em meio à diversidade. Ele diz que, “para a unidade da Igreja, pois, o critério da apostolicidade tem sido decisivo. Credo, ministério e cânon, cada qual a seu modo representam a tradição apostólica que fundamenta a Igreja (cf. Ef 2.20) e a remete à sua origem que é Jesus Cristo”¹⁴. Assim, retrata o papel do cânon na unidade da igreja a partir das seguintes características: construção normativa consciente, eixo gravitacional, valor histórico-dogmático e o espírito como conciliador das diversidades em meio à unidade.¹⁵ Ainda dentro da questão dogmática, uma discussão menos abordada por dois artigos é a função do *propter christum* – por causa de Cristo – na relação da justificação pela fé com referência ao diálogo inter-religioso. Dreher¹⁶ encontra no termo *propter* – causa – apontamentos para a identidade luterana no diálogo inter-religioso. De igual forma, Manfred Zeuch¹⁷, partindo da fé luterana, propõe teses utilizando o termo *propter Christum* com relação ao cenário das religiões, do ecumenismo e da relação com o pentecostalismo.

O diálogo inter-religioso/ecumenismo a partir da liturgia

Outra atitude/abordagem retrata o ecumenismo a partir da liturgia, que pode ser vista sinteticamente como o ritual oficial de uma igreja, incluindo seus atos de adoração, comunhão, batismo e outros atos sacramentais.¹⁸ Em seu artigo, Elias Wolff¹⁹ procura um caminho de diálogo a partir da compreensão da diversidade litúrgica. O autor reconhece que as diferentes hermenêuticas litúrgicas, por vezes, afastam a celebração das comunidades cristãs e relata que “no interior desse pluralismo as dife-

¹² BRANDT, 2002, p. 17.

¹³ BRAKEMEIER, G. Fé e pluralidade religiosa: Onde está a verdade? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 23-47, 2002b.

¹⁴ BRAKEMEIER, G. O cânon do Novo Testamento: paradigma de unidade da igreja? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 3, p. 205-222, 1997.

¹⁵ BRAKEMEIER, 1997.

¹⁶ DREHER, 2003.

¹⁷ ZEUCH, M. O que significa hoje o *propter Christum* (CA IV) diante do diálogo religioso, ecumênico e pentecostal? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 64-82, 2003.

¹⁸ GRENZ, S. J.; GURETZKI, D.; NORDLING, C. F. (Eds.). *Pocket Theological Terms*. Accordance electronic ed. Downers Grove: InterVarsity, 1999. p. 73.

¹⁹ WOLFF, E. O desafio ecumênico da liturgia cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, n. 1, p. 230-248, jun. 2020.

renças litúrgicas podem ser também expressão de divergências na fé cristã e, consequentemente, no culto que a celebra²⁰. O questionamento de Wolff gira em torno do que é essencial na liturgia cristã e quais elementos são comuns no rito. Além disso, preocupa-se em estabelecer um arcabouço teológico ecumênico. Segundo ele, a liturgia relaciona-se ao exercício da *diakonia*, da *koinonia* e da *martyria*.²¹ Já em relação às similaridades do rito litúrgico, ele cita: “a acolhida, ato penitencial, glória, leitura da Palavra e pregação, profissão de fé, ritual do pão e do vinho, oração do Pai-Nosso, despedida e envio”²².

No âmbito da reflexão do rito, dentro da perspectiva do diálogo inter-religioso, vários artigos discutiram o chamado Documento de Lima (1982), produzido pelo trabalho de quase cinquenta anos do movimento *Faith and Order*²³ – a contribuição desse movimento é articulado no artigo “Fé e Ordem: um instrumento a caminho da unidade”, de Harald Malschitzky²⁴. O documento, também conhecido como BEM (Batismo, Eucaristia e Ministério), expõe três dos principais temas em torno da liturgia cristã: o batismo, a eucaristia e o ministério. O propósito do documento é a identificação de convergências sobre temas e não necessariamente um consenso entre confissões. De acordo com Malschitzky:

O BEM (conhecido também como Documento de Lima) foi remetido a todas as igrejas-membro com o pedido de recepção e posicionamento. Fizeram-se traduções, mais do que de qualquer outro documento anterior. Foram distribuídas mais de 450.000 cópias do BEM, traduzidas para 31 línguas. Mais de 180 igrejas responderam, e estas respostas estão publicadas em seis respeitáveis volumes²⁵.

Ademais, entre a abordagem dogmática e litúrgica encontram-se os textos que se propõem a discorrer sobre a relação cristã (protestante) com o catolicismo^{26/27} ou com outras religiões, tais como o judaísmo²⁸, budismo²⁹, islamismo³⁰ e espiritismo³¹, mes-

²⁰ WOLFF, 2020, p. 231.

²¹ WOLFF, 2020, p. 233.

²² WOLFF, 2020, p. 235.

²³ TIEL, G. A caminho da unidade da Igreja: anotações a respeito do documento de Lima sobre batismo, eucaristia e ministério. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 1, p. 45-62, 1987.

²⁴ MALSCHITZKY, H. Fé e Ordem: um instrumento a caminho da unidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 20-28, 1991.

²⁵ MALSCHITZKY, 1991.

²⁶ KWASNIEWSKI, G. Diálogo judeu-católico e judeu-cristão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 73-77, 2002.

²⁷ HORTAL, J. 25 anos de diálogo católico-luterano no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 22, n. 3, p. 265-271, 1982.

²⁸ PORATH, R. O diálogo entre a comunidade evangélico-luterana e a comunidade judaica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 68-72, 2002.

²⁹ BRAKEMEIER, G. Budismo e cristianismo em diálogo – Um ensaio. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 78-84, 2002a.

³⁰ SCHULZ, A. O encontro do cristianismo com o islã na casa da coexistência – apesar do exclusivismo religioso. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 48-67, 2002.

³¹ GRIJP, K. van der. Evangelho e espiritismo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 16, n. 3, 1997.

clando uma discussão de pontos divergentes e convergentes nas diferentes fés e formas de celebrações litúrgicas comuns entre elas. No entanto, a maior parte desses artigos foi escrita a partir de uma teologia luterana, de forma que uma possível crítica a ser tecida concerne à falta de reflexões que partem de segmentos com relevância numérica no Brasil como: igrejas históricas, pentecostais, neopentecostais, entre outras comunidades.

O diálogo inter-religioso/ecumenismo a partir da ação social

Uma última via de acesso ao diálogo ecumênico, segundo os artigos, associa-se ao chão da vida, definida como a perspectiva nascida da realidade e situações reais. Esse tipo de ecumenismo não resulta das reflexões intelectuais ou das celebrações da casa comum (*oikoumene*), e sim do compromisso com valores inerentes à fé. Para Brake-meier³², esse tipo de discussão ecumênica ocorre em vista da crescente miséria, fome e violência no Brasil, expressando o compromisso da luta por justiça e libertação.

Três tipos de textos encontram-se nessa divisão: os que elaboram o histórico do movimento ecumênico no Brasil³³ a partir de pessoas, organizações e igrejas; os que retratam o ecumenismo na comunidade de base e aqueles que abordam o ecumenismo a partir do horizonte da cidadania, da sociedade e da política. Ainda há de se ressaltar que os esforços ecumênicos, majoritariamente, nascem de pessoas religiosas vinculadas a organizações paraeclesiais ou ecumênicas, sem ligação à instituição eclesial necessariamente. No primeiro âmbito, Gassman³⁴ elabora um artigo com base em quarenta anos de participação ativa em movimentos ecumênicos e Rudolf von Sinner também escreve acerca dos mais de trinta anos de contribuições teológicas e sociais da Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE).³⁵ No segundo âmbito, a partir de um olhar social, abordaremos o ecumenismo na comunidade de base. Gerhard Tiel escreve um artigo dedicado ao ecumenismo de base na América Latina³⁶, propondo que tal ecumenismo surge “daquelas pessoas que trabalham num sentido abrangente em favor da libertação estrutural”³⁷. A ação nasce tanto de igrejas, como de organismos ecumênicos anônimos e outros organismos paralelos. Além disso, Silvio Meincke discorre sobre a temática no movimento popular a partir da narrativa do trabalho, no ecumenismo de base, pela luta de libertação dos oprimidos.³⁸ O ecumenismo de base projeta a pessoa e sua dignidade como sujeito principal do diálogo. Por fim,

³² BRAKEMEIER, 1991.

³³ DIAS, A. de C. O movimento ecumênico no Brasil contemporâneo: 1980-2000. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 54, n. 1, p. 140-152, jun. 2014.

³⁴ GASSMANN, G. O futuro do movimento ecumênico com vistas ao ano 2000: tarefas e oportunidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 140-149, 1996.

³⁵ SINNER, R. von. Compromisso com o ecumenismo de justiça – 30 anos da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 126-136, 2003.

³⁶ TIEL, G. Ecumenismo de Base na América Latina: resultados preliminares de um projeto de pesquisa de Gerhard Tiel. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 47-64, 1991.

³⁷ TIEL, 1991, p. 51.

³⁸ MEINCKE, S. O ecumenismo no movimento popular. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 65-70, 1991.

a atenção se volta para o terceiro tipo de artigo encontrado em nossas pesquisas: os artigos que tratam do ecumenismo a partir do horizonte da cidadania, da sociedade e da política. Tal tipo de teologia constrói-se magistralmente nos artigos do professor Rudolf von Sinner.³⁹ Ele elabora, a partir da doutrina da Trindade, uma teologia da cidadania e da convivência fundamentada em quatro atitudes: 1. a alteridade; 2. a participação; 3. a confiança; 4. a coerência. Ainda no âmbito da cidadania, também aparecem outros quatro artigos⁴⁰ que relatam sobre a *diaconia* como elemento essencial da missão e do diálogo cristão. Nesses textos, o serviço aparece como chão da unidade ecumênica.

Dessa forma, verificou-se a interligação entre as publicações realizadas entre os anos de 1961 e 2020, sendo que se apresentam, em geral, a partir da ótica dogmática, litúrgica e social. Adiante, compartilharemos uma ótica diferenciada sobre o diálogo inter-religioso. A ideia é trazer uma visão alternativa a respeito do diálogo inter-religioso, por isso tal exposição se baseará na seguinte questão: como conversar com o outro religioso mantendo a própria identidade e, concomitantemente, abrir-se de forma dialogal? Tal reflexão iniciará, primeiramente, da reflexão teórica em minha dissertação de mestrado sobre o assunto e, posteriormente, da minha prática como capelão militar na Força Aérea Brasileira.

Hospitalidade hermenêutica: entre a fragilidade e o compromisso

Neste tópico, exploraremos a ótica do encontro com o outro religioso defendida em minha dissertação. Para tal, utilizaremos como referencial Marianna Moyaert, autora holandesa que – baseada no filósofo Paul Ricoeur – compreende o diálogo inter-religioso a partir da visão particularista modificada adotando o elemento da tradução como método para o diálogo, a identidade narrativa como construção da identidade voltada para o outro religioso e uma atitude de hospitalidade como hermenêutica de abertura.⁴¹

O paradigma da tradução como elemento para o diálogo

O diálogo inter-religioso, para Moyaert, é visto por meio do paradigma da tradução. Se a hermenêutica é definida como a arte de interpretação, a tradução aparece como mediadora entre linguagens distintas. No ato da tradução, o intérprete coloca-se na posição entre dois mundos – a língua materna e a língua alvo.

A exemplo da Bíblia Sagrada que, nos dias de hoje, se fundamenta em dois textos primordiais para a tradução do Novo Testamento – Edição de Nestle-Aland-28

³⁹ SINNER, R. von. A santíssima Trindade é a melhor comunidade – Trindade, igreja e comunidade civil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 48, n. 2, p. 51-73, 2008.

⁴⁰ NORDSTOKKE, K. Diaconia, uma perspectiva ecumênica e global. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p. 5-20, 2005. NORDSTOKKE, K. O estudo da diaconia como disciplina acadêmica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 55, n. 2, p. 204-220, dez. 2015. SINNER, 2003. SINNER, 2008.

⁴¹ MOYAERT, M. *Fragile Identities: Towards a Theology of interreligious hospitality*. Amsterdam: Rodopi, 2011.

e a *United Bible Society* em sua quinta edição –, sendo que ambas servem como texto crítico para a maior parte das traduções realizadas. Deve-se arguir a razão de tanta multiplicidade de traduções se todas se baseiam no mesmo texto crítico. Tal advento justifica-se pelo fato de, primeiro, a língua ser um elemento vivo e dinâmico que se modifica ao longo do tempo. Por isso é necessário atualizar termos que já perderam/modificaram seu sentido. Também se deve atentar ao fato de que em uma tradução existem dois mundos: o original e a tradução. Nesse quesito, o tradutor deve se manter fiel ao original sem perder o sentido da língua traduzida. Em razão disso existem traduções que se preocupam mais com o texto original, já outras com os receptores e ainda há aquelas que tentam fazer essa mediação com o menor prejuízo possível para ambas as línguas.

O desafio do tradutor é ser “suficientemente fiel à língua materna e à tradução, ao autor e ao leitor de um texto”⁴². Porém isso só será possível se o tradutor estiver compromissado com ambas as línguas. Outra característica do processo de tradução são as perdas e ganhos de sentido. Tais aspectos são inerentes da riqueza cultural e linguística. Segundo Moyaert, a tradução ocorre em oito etapas distintas:

(1) Há um encontro com o estranho, (2) há uma questão concernente ao entendimento e à transferência de significado, (3) ao desejo (pulsão) de conhecer o outro(a) em sua outridade, (4) à confiança que isso possível, (5) ao reconhecimento da dissimetria entre o familiar e o estranho, (6) à violência hermenêutica de fazer jus ao transferência de significado, (7) ao reconhecimento que um completo e perfeito entendimento sem que algo fique para trás é impossível, (8) ao reconhecimento que é impossível estar, totalmente, em casa na linguagem religiosa de outrem, o que nos possibilita aquilo que chamamos de hospitalidade hermenêutica ou abertura⁴³.

Nesse sentido, o encontro com o outro religioso, primeiro, produz ressignificações da minha própria linguagem (religião) e percepções de elementos conjuntivos da linguagem alheia. O tradutor reconhece a existência de uma “fragilidade” intrínseca à tradução, como ressaltado por Moyaert: “todo intérprete se acha num campo de tensão entre fidelidade e traição. É frágil, pois o intérprete tem que achar equilíbrio entre a continuidade e a descontinuidade, entre o comum e as diferenças, entre as conexões e as fissuras”⁴⁴. Desse modo, deve haver um compromisso ético por parte do tradu-

⁴² CASAGRANDE, 2017, p. 81.

⁴³ MOYAERT, 2011, p. 232-233: “(1) an exposure to strangeness, (2) a question concerning understanding and the transfer of meaning, (3) the desire (pulsion) to understand the other in his or her otherness, (4) the trust that this is possible, (5) the recognition of the asymmetry between the familiar and the foreign, (6) the violence of hermeneutics making way for the necessary transfer of meaning, (7) the recognition that complete and perfect understanding without something remaining behind is impossible, and (8) the recognition that it is impossible to be ever fully at home in the religious language of the other, which makes way for what we could call hermeneutical hospitality or openness.” (tradução nossa).

⁴⁴ MOYAERT, 2011. “It is fragile because the interpreter has to find a difficult balance between continuity and discontinuity, between commonalities and differences, between interconnectedness and fissure”. (tradução nossa).

tor. Tal compromisso, denominado por Paul Ricoeur de hospitalidade linguística⁴⁵, traduz-se pela ação de receber em nosso próprio mundo o mundo do outro religioso.

Inobstante, o processo de tradução demonstra tanto a fragilidade quanto a tensão existente no diálogo inter-religioso, manifestadas pela manutenção da própria identidade e abertura religiosa ao outrem. Em suma, observa-se que o diálogo inter-religioso é mais naturalmente realizado no campo da vida, ainda que tal forma de tradução careça do “profissionalismo” religioso – que ordinariamente trazem mais dissensos do que consensos. Naturalmente, nesse caso, refere-se ao processo de tradução. A exemplo disso, na prática não é preciso ser um “profissional” para falar uma língua estrangeira. Pessoas aprendem outras línguas e se comunicam. O mesmo ocorre no diálogo inter-religioso e no ecumenismo. Dessa forma, faz-se necessário entendermos como se dão o processo de construção identitária e a atitude dialogal adequada no encontro com o outro.

A identidade como elemento em construção e dialogal

Com vistas à compreensão do processo da construção identitária no encontro com o outro religioso, nos apoiaremos na definição estabelecida pelo filósofo francês Paul Ricoeur. Ele qualifica o processo de identificação, ou seja, a construção contínua da identidade durante a vida, com base em três elementos: o si, o mesmo, e outro. Tal noção nomeia seu livro “O si mesmo como o outro”, por meio do qual Paul Ricoeur leva-nos ao entendimento da dialética entre a construção da identidade, sua permanência no tempo e a implicação ética derivada da mesma.

O questionamento pelo sujeito é sempre a pergunta pelo “quem” de uma ação. Quando se indaga a respeito do conhecimento de alguém, questiona-se “quem é fulano ou ciclano?”. A busca pela identidade do sujeito diferencia-se da caracterização de objetos marcada pela pergunta “o que é?”. Ao passo que, quando nos referimos a pessoas, não se questiona “o que é fulano?”. Nesse sentido, o ser humano, para Ricoeur, constrói-se na ligação entre o *idem* e o *ipse*.

O *idem* – também denominado como *mesmidade* – seria a identidade fixa que atribuímos a objetos. Esse tipo identitário é caracterizado por três elementos: 1. identidade numérica; 2. identidade qualitativa; 3. continuidade ininterrupta. A identidade numérica é a classificação de um sujeito por meio de características que se repetem ao longo da vida; a identidade qualitativa define-se pela capacidade de assimilação da identidade por semelhança a outrem e a continuidade ininterrupta constitui-se pela alternância de uma característica no decorrer do crescimento e envelhecimento humano. Dessa forma, a identidade enquanto elemento *idem* refere-se à identificação estática de algo ou alguém. Um exemplo seria responder à pergunta concernente à identidade de uma pessoa com uma lista de características, tais quais: alto, moreno e inteligente etc.⁴⁶

⁴⁵ MOYAERT, 2011, p. 231.

⁴⁶ CASAGRANDE, 2017, p. 86-87.

A segunda forma de identidade, *ipse* (ou *ipseidade*), caracteriza-se pela identidade que responde à pergunta “quem é fulano” a partir de uma narrativa. O modelo proposto por Ricoeur divide a identidade *ipse* em dois elementos: a descrição com base no caráter e a palavra cumprida.

O caráter aparece como “o conjunto das marcas distintivas que possibilitam reidentificar um indivíduo humano como sendo o mesmo”⁴⁷. Tais marcas começam a fazer parte, primeiro, por meio do hábito. Esse passa a identificar o ser humano a partir de ações tomadas contínua e repetidamente na história de um sujeito de modo a incorporar esses hábitos em seu próprio caráter. Outra forma de incorporação de características no próprio caráter está na identificação adquirida por meio de modelos (sejam eles personagens, heróis, valores ou normas). Tal via de caracterização ainda baseia-se em elementos estáticos da identidade – mesmo que esses sejam construídos a partir da repetição ou idealização de um comportamento.⁴⁸

Outra forma de construção da *ipseidade* é pelo cumprimento da palavra dita. A identidade não aparece como algo fixo, mas construído historicamente. Dessa forma se responde à pergunta sobre a identidade com a própria história de vida do sujeito. A primeira dimensão da identidade narrativa constitui-se por meio do enredo que permite tensão entre continuidade e descontinuidade à narração. Ademais, o enredo possibilita definir tanto o personagem quanto sua ação, entrelaçados na identidade do sujeito. A ação de um indivíduo é classificada por Ricoeur em três modos; 1. a ação enquanto prática; 2. a ação enquanto plano de vida; 3. a ação enquanto unidade narrativa da vida.⁴⁹

Enquanto prática, a mesma é partícipe do conjunto holístico de ações. A exemplo da prática do xadrez, que inclui uma série de ações de movimentação das peças. Já enquanto plano de vida, a ação aparece como intermediária entre as práticas e as unidades narrativas. Assim o projeto da existência está atrelado aos ideais de vida “e ponderação das vantagens e desvantagens da escolha de tal plano de vida no nível das práticas”⁵⁰. Logo, a ação enquanto unidade narrativa vincula-se à imposição ética. Como diz Walter Benjamin, “a arte de narrar é arte de trocar experiências”⁵¹. No campo da construção identitária, a dimensão ética encontra-se entre “manter unidas as duas pontas da cadeia: a permanência do caráter no tempo e a permanência da manutenção de si”⁵² desenvolvida por Ricoeur como interlocução entre a ética deontológica e teleológica.

No diálogo inter-religioso, pode-se pensar na relação entre a identidade *idem* e *ipse* da seguinte forma:

A identidade *ipse*, referente à identidade religiosa, trata-se justamente daquilo que é capaz de identificá-la. Pode-se identificar a religião via suas regras, normas, dogmas,

⁴⁷ RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p. 218.

⁴⁸ CASAGRANDE, 2017, p. 88-89.

⁴⁹ RICOEUR, 2014, p. 160-168.

⁵⁰ RICOEUR, 2014, p. 167.

⁵¹ RICOEUR, 2014, p. 174.

⁵² RICOEUR, 2014, p. 178.

ritos, doutrinas, práticas e textos lidos. O *idem* constitui-se nas próprias características descritivas da religião. O cristianismo pode ser reconhecido dentro de suas diversas formas pela crença trinitária e assim por diante. Do outro lado, a religião pressupõe um compromisso e lealdade à fé crida. Esse relacionamento de lealdade pode ser entendido pelo componente *ipse* da identidade. A dimensão narrativa da fé permite equilibrar o polo entre sedimentação (*idem*) e inovação (*ipse*)⁵³.

Diante disso, cabe perguntarmos a respeito do encontro com o outro religioso, quais atitudes são esperadas como forma de abertura ao outro sem ocasionar a perda da minha própria identidade. Para isso, concentraremos nossos esforços na hospitalidade hermenêutica como atitude de abertura no diálogo inter-religioso.

A hospitalidade hermenêutica como atitude inter-religiosa

A hospitalidade surge como elemento fundamental na atitude do diálogo inter-religioso. É possível elencar diferentes tipos de hospitalidade como sugerido por Fitzgerald.⁵⁴ Na Bíblia, a temática da hospitalidade constituía parte do exercício da fé israelita, pois o povo hebreu havia sido estrangeiro no meio de um outro povo, além do fato do Deus bíblico também mostrar-se em meio aos estrangeiros.⁵⁵

Outrossim, a atitude da hospitalidade conclama ao acolhimento do estrangeiro dentro de nossa própria casa (*oikoumene*) com solicitude, pois o hospedeiro tem a obrigação de prover aos hóspedes um ambiente de abertura, diálogo e amor, ainda que aquele não concorde com todos os valores e práticas destes. Como afirma Moyaert, “a luz do diálogo inter-religioso, é bem possível que o outro religioso seja compreendido, porém não significa que o outro religioso será teologicamente aceitável”⁵⁶. A exemplo dos vários encontros de Jesus com estrangeiros, que mostram tal acolhimento e receptividade durante todo o diálogo, mas, ao fim, propunha ao indivíduo reflexão e transformação.

Por fim, a hospitalidade hermenêutica a partir do paradigma da tradução permite: 1. haver uma atitude positiva em relação à identidade religiosa do outro; 2. reconhecer que o outro, em sua linguagem religiosa, traz ensinamentos à minha própria linguagem religiosa; 3. uma via de reciprocidade entre as religiões; 4. comparar tanto similaridades quanto divergências de cada linguagem religiosa; e 5. a solidificação e reconstrução da própria identidade religiosa no encontro com o outro. Na prática, esse tipo de atitude hermenêutica pode ser vivenciado tanto no âmbito dogmático, litúrgico ou social.

⁵³ CASAGRANDE, 2017, p. 93.

⁵⁴ Hospitality. In: FITZGERALD, J. T. Dictionary of New Testament Background. InterVarsity, 2000. p. 522. Disponível em: <accord://read/IVP-NT_Background#6703>.

⁵⁵ MOYAERT, 2011, p. 262.

⁵⁶ MOYAERT, 2011, p. 274: “In the light of interreligious dialogue, this means that it is very possible that the religious other is understood, but it does not yet mean that the possibility of the religious other will also be theologically acceptable.” (tradução nossa).

Capelania como espaço ecumênico

Enquanto capelão militar, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso são características essenciais da função exercida. Tal ofício atua tanto no âmbito da confessionalidade e do ecumenismo quanto na promoção de valores e virtudes essenciais ao militar.

No âmbito da confessionalidade, apesar de situado em uma denominação específica, necessita-se que o atendimento seja universal, em todos os âmbitos do protestantismo: igrejas reformadas, históricas, pentecostais e neopentecostais, com diferentes teologias, desde as mais fundamentalistas até as mais progressistas. Não obstante, o trabalho confessional ocorre semelhantemente a uma comunidade eclesial, com uma pequena ressalva, “não é permitido qualquer tipo de proselitismo no âmbito das Organizações Militares⁵⁷”. Como decorrência, toda forma de evangelismo deveria ocorrer de forma expositiva e não impositiva. Assim, naturalmente, o trabalho confessional adquire um caráter ecumênico, por precisar alteridade e empatia para celebrar conjuntamente um grupo de pessoas de distintas fés cristãs.

Ademais, a ecumenicidade da capelania militar pressupõe uma visão de alteridade no atendimento do militar dentro de sua própria confessionalidade. O capelão militar precisa atuar, também, no diálogo ecumênico dentro do mundo evangélico e católico, assim como o diálogo com outras religiosidades. Em suma, tal trabalho ocorre conjuntamente, por meio de celebrações ecumênicas com miscigenação de elementos litúrgicos; nesse sentido, católicos, protestantes e espíritas sentam-se à mesa e participam do mesmo rito – claro que a linguagem litúrgica é assimilada de forma distinta entre os participantes e isso é natural a partir do paradigma da tradução. Sobre os valores ecumênicos intrínsecos à capelania militar, assim como consta na Norma do Sistema de Assistência Religiosa da Aeronáutica (NSCA 165-1) de 2018, “as atividades religiosas deverão estar permeadas de autêntico ecumenismo e diálogo inter-religioso, fortalecendo a harmonia e a coesão da vida militar⁵⁸”. Desse modo, um espírito de fraternidade, hospitalidade e tolerância torna-se essencial no cumprimento da missão. Tal ecumenismo é geralmente realizado nos âmbitos da liturgia, da poimênica e da formação de valores. No âmbito litúrgico, ocorrem os cultos ecumênicos e inter-religiosos por vários motivos: ação de graças, datas comemorativas, culto a valores, entre outros. No âmbito da poimênica, a ecumenicidade se dá pelo cuidado do ser humano em situações de fragilidade como: enfrentamento de lutos, combate ao suicídio, crises provenientes das mais diversas causas, entre outras. O capelão, desse modo, apresenta-se aberto a todos que necessitarem de seu apoio.

Por fim, o capelão militar atende a todos os militares e familiares indistintamente, sem fazer acepção de confessionalidade. Com relação às questões valorativas, a ecumenicidade é viabilizada por meio da formação humana. Por isso o capelão atende o indivíduo sem restrição de crença. O diálogo baseia-se no caráter humanitário e de valo-

⁵⁷ BRASIL, Comando da Aeronáutica. Comando-Geral. Portaria COMGEP n°1.267 de 4 de Dez. de 2018. Norma do Sistema de Assistência Religiosa da Aeronáutica. NSCA 165-1, Rio de Janeiro. p. 12.

⁵⁸ BRASIL, 2018, p. 12.

res, por isso é imperativo que haja abertura dialogal a fim de hospedar o outro religioso, compreendê-lo e aceitá-lo em seus dilemas, sempre oferecendo uma boa conversa.

Considerações finais

Nosso artigo propôs-se a investigar a trajetória do tema “ecumenismo” e “diálogo inter-religioso” na revista *Estudos Teológicos*. Foram analisadas 46 publicações de diferentes autores ao longo de 59 anos. Em sequência, expôs-se, como via complementar, a tese defendida por Marianne Moyaert a respeito da “hospitalidade hermenêutica”. A partir dessa, procurou-se entender uma perspectiva peculiar sobre o assunto supracitado. Ademais, o autor conciliou o tema exposto com sua vivência enquanto capelão militar na Força Aérea Brasileira.

Em suma, observou-se convergência entre as publicações analisadas. De modo geral, é possível verificar três divisões principais: o diálogo a partir de um olhar dogmático, litúrgico e ético-social. Tal divisão baseia-se meramente no conteúdo dos artigos, não analisando os contextos, tempos e situações em que foram escritos. No campo da dogmática, as publicações concentraram-se no tema da teologia das religiões, da identidade religiosa e da discussão teológica sobre o assunto. Nessa perspectiva, grande parte dos teóricos partiu de um olhar luterano em diálogo com a teologia católica, com exceção de algumas outras tentativas de diálogo incluindo pentecostais, igrejas históricas e outras religiões. O diálogo a partir da liturgia foi discutido com base nos ritos do culto e dos sacramentos da igreja cristã (batismo, eucaristia e ministério). Um documento importante no desenvolvimento do ecumenismo foi produzido em Lima em 1982 pelo movimento *Faith and Order* com vistas a identificar convergências sobre questões relacionadas ao Batismo, à Eucaristia e à Ceia. Por fim, o ecumenismo, principalmente no Brasil, ocorre a partir de iniciativas sociais e observou-se a presença de textos que descrevem iniciativas pessoais, organizacionais e paraeclesiais a partir de uma ação ecumênica no desenvolvimento de uma prática social de libertação de necessitados.

Ademais, procurou-se, a partir da teologia da “hospitalidade hermenêutica” de Marianne Moyaert, responder a seguinte questão: como manter-se suficientemente aberto ao outro religioso sem perder a própria identidade de fé? Em resposta sugeriram-se três perspectivas complementares. Primeiro, o sujeito do diálogo é visto como “tradutor” que se encontra entre dois mundos linguísticos e precisa manter-se fiel a ambos. Segundo, a identidade do sujeito é formada na tensão entre a permanência e a descontinuidade, estando o indivíduo sempre em contínua formação. Não obstante, verificou-se também que a formação identitária pressupunha uma relação ética com o outro religioso. Por fim, adotou-se o conceito de hospitalidade hermenêutica como atitude adequada ao encontro inter-religioso, na qual o sujeito nutre o respeito e a tolerância sem perder a própria identidade.

Nesse intuito, o autor utilizou da própria experiência na capelania militar para mostrar a multiplicidade de formas em que o ecumenismo se apresenta em contexto de nação brasileira. É necessário aprimorar a discussão concernente ao ecumenismo pela necessidade prática de aprender a (con)viver, respeitar e tolerar o diferente. O

diálogo inter-religioso ainda não é um tema em seu fim, ao contrário, há muito a ser refletido e executado enquanto nação. Nosso país não é marcado pela cristofobia, mas sim por uma fobia de todas as outras religiões que não a minha. É preciso aprender com tudo que já caminhamos em termos dogmáticos, litúrgicos e de ação social, porém ainda há muito progresso a ser realizado. Logo, é perceptível que os autores do diálogo são sempre os mesmos, faltando iniciativa de muitos segmentos, ainda avessos à aproximação religiosa, que temem a perda da própria identidade. Conclui-se que o diálogo não é local de perda identitária, e sim, como argumentado, de encontro, aprendizagem, abertura e solidificação da própria identidade religiosa.

Referências

- BRAKEMEIER, G. Reflexões teológicas sobre o ecumenismo brasileiro. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 9-19, 1991.
- _____. O cânon do Novo Testamento: paradigma de unidade da igreja? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 3, p. 205-222, 1997.
- _____. Budismo e cristianismo em diálogo – Um ensaio. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 78-84, 2002a.
- _____. Fé e pluralidade religiosa: Onde está a verdade? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 23-47, 2002b.
- BRANDT, H. “Eu sou o Caminho, a verdade e a vida”: A exclusividade do cristianismo e a capacidade para o diálogo com as religiões. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 5-22, 2002.
- BRASIL, Comando da Aeronáutica. Comando-Geral. Portaria COMGEP nº1.267 de 04 de Dez. de 2018. Norma do Sistema de Assistência Religiosa da Aeronáutica. NSCA 165-1, Rio de Janeiro. p. 12.
- CASAGRANDE, Wellington. *Hospitalidade hermenêutica: entre a fragilidade e o compromisso, um caminho para o diálogo inter-religioso*. 2017. 108 p. Dissertação (Mestrado Profissional) – Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/850/1/casagrande_w_tmp537.pdf>.
- CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2020/09/4877033-bolsonaro-faz-apelo-mundial-contra-a-cristofobia-em-discurso-na-onu.html>>. Acesso em: 29 set. 2020.
- DIAS, A. de C. O movimento ecumênico no Brasil contemporâneo: 1980-2000. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 54, n. 1, p. 140-152, jun. 2014.
- DIAS, Z. M. Para uma comunidade ecumênica, solidária e cidadã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 49-60, 2005.
- DREHER, L. H. A identidade evangélico-luterana e o diálogo inter-religioso: idéias para a busca de um método. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 83-91, 2003.
- GASSMANN, G. O futuro do movimento ecumênico com vistas ao ano 2000: tarefas e oportunidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 140-149, 1996.
- GERHARD, Tiel. Algumas pinceladas em torno da ecumenicidade da Federação Luterana Mundial. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 29, n. 3, p. 237-254, 1989.
- GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 2012.
- GONÇALVES, A. Diálogo Inter-religioso e Direitos Humanos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, n. 1, p. 30-40, jun. 2000.

- GRENZ, S. J.; GURETZKI, D.; NORDLING, C. F. (Eds.). *Pocket Theological Terms*. Accordance electronic ed. Downers Grove: InterVarsity, 1999.
- GRIJP, K. van der. Evangelho e espiritismo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 16, n. 3, 1997.
- HORTAL, J. 25 anos de diálogo católico-luterano no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 22, n. 3, p. 265-271, 1982.
- FERGUSON, S. B.; WRIGHT, D. F.; PACKER, J. I. (Eds.). *New dictionary of Theology*. Downers Grove, Ill: InterVarsity, 1988.
- KAISER, K. O Conselho Mundial de Igrejas e os novos desafios para o movimento ecumênico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 34, n. 3, p. 276-281, 1994.
- KOLLER, F. S.; MOREIRA, S. R.; ZEFFERINO, J. A relação entre dignidade humana e não violência no magistério pontifício. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, p. 175-187, 2020.
- KWASNIEWSKI, G. Diálogo judeu-católico e judeu-cristão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 73-77, 2002.
- LIENEMANN-PERRIN, C. Conversão no contexto inter-religioso: uma perspectiva missiológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 61-80, 2005.
- LIEVEN, G.; SAUER, S. Globalização, fragmentação e ecumenismo: desafios de um mundo plural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 38, n. 3, p. 282-302, 1998.
- LIMA, A. S. A teologia trinitária como contribuição para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 2, p. 436-451, dez. 2018.
- MAÇANEIRO, M.; ZEFFERINO, J.; LOURENÇO, V. H. O testemunho da graça no contexto da reforma: perspectivas práticas do diálogo católico-luterano. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 2, p. 407-422, dez. 2018.
- MALSCHITZKY, H. Fé e Ordem: um instrumento a caminho da unidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 20-28, 1991.
- MEINCKE, S. O ecumenismo no movimento popular. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 65-70, 1991.
- MEYER, H. O ecumenismo sob o ponto de vista da teologia Luterana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 25-38, 1961.
- _____. O evangelho e nossa unidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 24-34, 1971.
- MOYAERT, M. *Fragile Identities: Towards a Theology of interreligious hospitality*. Amsterdam: Rodopi, 2011.
- NORDSTOKKE, K. Diaconia, uma perspectiva ecumênica e global. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 1, p. 5-20, 2005.
- _____. O estudo da diaconia como disciplina acadêmica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 55, n. 2, p. 204-220, dez. 2015.
- OSSEWAARDE, S.; TIEL, G. Algumas teses sobre missão, ecumenismo e a relação com outras religiões. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 3, p. 253-263, 1992.
- PORATH, R. O diálogo entre a comunidade evangélico-luterana e a comunidade judaica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 68-72, 2002.
- RIBEIRO, C. de O. Teologia e espiritualidade ecumênica: implicações para o método teológico a partir do diálogo inter-religioso. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 57-73, jun. 2013.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- SASS, W. O Deus trinitário está presente antes da chegada do missionário. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 73-81, 2004.
- SCHULZ, A. O encontro do cristianismo com o islã na casa da coexistência – apesar do exclusivismo religioso. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 48-67, 2002.

- SINNER, R. von. Compromisso com o ecumenismo de justiça – 30 anos da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 126-136, 2003.
- _____. Confiança e convivência: aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 127-143, 2004.
- _____. A santíssima Trindade é a melhor comunidade – Trindade, igreja e comunidade civil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 48, n. 2, p. 51-73, 2008.
- _____. O cristianismo a caminho do sul: teologia intercultural como desafio da teologia sistemática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 1, p. 38-62, jun. 2012.
- TIEL, G. A caminho da unidade da Igreja: anotações a respeito do documento de Lima sobre batismo, eucaristia e ministério. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 27, n. 1, p. 45-62, 1987.
- _____. Réplica a Harding Meyer. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 30, n. 2, p. 169-172, 1990.
- _____. Ecumenismo de Base na América Latina: resultados preliminares de um projeto de pesquisa de Gerhard Tiel. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 47-64, 1991.
- VELIQ, F. Moltmann e o diálogo inter-religioso. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 490-501, 2019.
- WEBER, B. O diálogo católico luterano internacional. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 22, n. 3, 1982.
- WESTHELLE, V. Una Sancta: a unidade da Igreja na divisão social. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 1, p. 29-46, 1991.
- WOLFF, E. Igrejas e ecumenismo: uma relação identitária. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 18-30, 2005.
- _____. A reforma do século XVI e suas implicações para a atualidade: da prática da excomunhão ao gesto de reconciliação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 79-95, jul. 2017.
- _____. O desafio ecumênico da liturgia cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 60, n. 1, p. 230-248, jun. 2020.
- _____. Sacramentos e ecumenismo – questões sobre o significado, a instituição e o número dos sacramentos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 2, p. 392-406, 2018.
- ZEUCH, M. O que significa hoje o propter Christum (CA IV) diante do diálogo religioso, ecumênico e pentecostal? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 64-82, 2003.